



# Viagem SEM regresso



**— ATAQUE A COMBOIO EM MOVENE PROVOCA MAIS DE 70 MORTOS**

**TEXTO DE TERESA SA NOGUEIRA ● FOTOS DE JOEL CHIZIANE**

A manhã escorria devagar, quando o comboio 620 dobrou a curva, a caminho de Movene. Um homem fardado fazia sinais com a mão. «Quererá bo-leia?» — perguntou-se o motorista, abrandando a marcha. Não queria. Sacou sua metralhadora e começou a disparar. Uma explosão terrível sacudiu o comboio. Voaram carruagens. Num inferno de gritos, balas, ferros torcidos, gente a correr, morreram umas 70 pes-

soas. Ninguém sabe a conta certa. Foram cinco vagoes tombados e dentro deles, muitos corpos que, nesta altura, ainda não puderam ser retirados.

Mulheres, crianças, mineiros. Magaiças que regressavam à terra, com sua bagagem de esperança e de amor.

Mas, para eles, não houve regresso.

Artur Matine, o maquinista que nos levou a Movene, ia mostrando pelo caminho, comboios destruídos em outros ataques anteriores. Era uma visão de pesadelo: carruagens tombadas, casas em ruínas, restos de camiões, aldeias onde ninguém vivia: «Isto aqui é zona de ataques, a população já fugiu há muito tempo. Eles passam todos os dias e todas as noites. Veja, Secongele é um apiadouro abandonado. Tembe, está queimada. Movene foi atacada sete vezes, agora só lá vive o pessoal do Caminho de Ferro. A 2 de Janeiro houve sabotagem, agora ficaram sem rádio. O chefe da es-

tação tinha ido ao Maputo resolver o problema. Mas não adianta nada, eles estão lá, quando se restabelecerem as comunicações voltam a sabotar. Neste lugar os ataques são constantes, está tudo destruído».

O comboio ia devorando caminho, a conversa decorria mansa. Na carruagem da frente, as nossas forças mãos no gatilho, perscrutavam o horizonte. Toda aquela zona é de guerra.

Artur Matine mostra as marcas: o lado direito da cara é um mapa de cicatrizes.

«Isto foi a obra de uma emboscada em 1982, em Buçaco, na linha do Limpopo. Foi o maior ataque daqueles que sofri. Perdi-me no mato, andei dia e noite, fui parar ao Chókwè, onde apanhei os primeiros socorros. Mandaram-me para Magude, depois para o Hospital Central de Maputo, mais de 15 dias de tratamento. Face destruída, estilhaços de bala no peito. Depois voltei ao serviço, porque esta é profissão, que eu adoro e continuo aqui, apesar das emboscadas. E espero continuar, enquanto for vivo».

O comboio seguia seu caminho, rumo a Movene. Na cabina do maquinista, todos os olhos se viravam para o horizonte: ali é lugar de bandido, nunca se sabe quando vai atacar.

«Não conheço nenhum maquinista que não tenha sofrido ataques — continua Artur Matine — É isso, agora estou nervoso com esta situação, foram demasiadas mortes... medo? — olha-me, com certo espanto. — Claro que tenho medo. Todo o homem, toda a pessoa tem medo. Mas quando um indivíduo está ao serviço, na sua profissão, com medo ou sem medo... tem que cumprir sua tarefa».

Mais e mais. Mais mato. Mais comboios destruídos. «Há 14 anos que sou maquinista — continua Artur — e ganho 53 contos. Perdi aqui minha juventude. Que hei-de fazer? Olhe... — e abrandando mais o comboio — é ali, depois daquela curva, que eles atacaram».

#### MASSACRE

Um mato rasteiro. Umas árvores pequeninas, meio envergonhadas. Montanhas ao longe. Foi ali.

Cinco carruagens tombadas no terreno, numa confusão de peças.

ferros, carvão derramado, restos de corpos, malas esventradas.

«A locomotiva avançou, fizeram explodir a mina quando o comboio ia passando... Uma mina telecommandada».

Era um comboio de magaiças. Gente que passou anos e anos de baixo da terra, regando com suor e com sangue um amanhã que havia de chegar, na aldeia onde nasceram. Traziam seus rádios, seus candeeiros, presentes para a mulher e os meninos, cartas de amigos, comida para meses.

Traziam esperança e amor.

Mas as cartas não chegaram ao destino, os presentes não foram entregues, o pão não foi partilhado.

Um homem apertava ainda uma carta na mão. Uma carta de amor. Uma criança segurava uma boneca.

E aquilo que foi um comboio de mineiros tornou-se numa visão do inferno. Corpos torcidos e mutilados, roupas manchadas de sangue, sapatos, cartas, fotografias, documentos espalhados pelo chão. Brinquedos partidos. Sangue nas paredes, no tecto, no chão.

No mato, mais corpos. Um soldado, sentado no chão, lamentava: «esta é a nossa vida. Todos os dias, encarar a morte».

Perto, o comandante gritava: «Não quero ninguém dentro das carruagens. Se apanhar alguém a roubar, eu fuzilo».

#### A LONGA MARCHA

A toda a volta é zona minada. Cada passo tem de ser dado com cautela, na justa medida do pé da pessoa que vai em frente.

Há minas no caminho. Mas a sede era muita e partilhámos com os soldados uma lata de água suja, a alguns metros da via férrea.

Pelo mato, mais roupa, mais restos de comida, mais corpos. Gente abatida quando tentava fugir. Quantos, ninguém sabe ao certo. Foram 45 os que entraram na Morgue no Maputo. Mais doze corpos, levados para Ressano Garcia. Mais nove que contámos no chão. Mais um, que foi abatido na frente de uma mulher regressada. Sessenta e cinco? Setenta e cinco? Cem? Quantos feridos? Quantos raptados?

«Era um comboio de magaiças. (...) Traziam seus rádios, seus candeeiros, presentes para a mulher e os meninos, cartas de amigos, comida para meses»



Quem conhece a resposta? Quem sabe os porquês de todo este massacre?

Não ouvimos falar em negociações de paz?

Ao longe, um comboio preparava-se para partir. Levava mais corpos para Ressano Garcia.

E levava também Amina Abubacar, ferida na cara e nas costas, mas que tinha conseguido regressar com sua filha nos braços.

«Levaram-nos ontem, a pé, caminhámos mais de oito horas. Eu estava ferida nas costas e no rosto e tinha de levar minha filha, não aguentava. E eles diziam: «se ten-

tar lugar, eu vou matar, vai morrer muita gente inocente por sua causa». E iam deixando bagagem pelo chão, que eles não aguentavam carregar. Então convidaram toda a gente, às cinco da manhã, para uma reunião, para dizer que eles não queriam a guerra, quem queria a guerra era o nosso presidente. Um deles, apontando para mim, disse: «vamos matar esta senhora, não serve para nada. Mas o comandante não deixou. E ele a insistir: «esta senhora tem muita mania, vamos matar já, não quer carregar coisas. Não mataram». O comandante deles disse: «você vão em-



Uma das vítimas do ataque dos bandidos armados ao comboio de passageiros na linha de Ressano Garcia-Maputo. (Foto: Jaime Macamo)

## Bandidos armados intensificam assassinatos

O acto criminoso que maior número de vítimas provocou foi o perpetrado pelos bandidos armados durante o período compreendido entre 31 de Janeiro e 16 de Fevereiro, foi o ataque ao comboio de passageiros, em Moveine, na Linha de Ressano Garcia-Maputo que transportava fundamentalmente mineiros moçambicanos que regressavam da África do Sul.

Além dos mortos, houve elevado número de feridos e avultados danos materiais. O Primeiro-Ministro, Dr. Mário Machungo, visitou no dia 16 de Janeiro, no Hospital Central de Maputo, as vítimas do ataque, fazendo-se acompanhar pelo Ministro da Saúde.

Sabina Magagule, uma das vítimas ainda internada no Hospital Central, disse que na carruagem em que vinha morreram pelo menos 23 pessoas. Ela contou que depois da locomotiva accionar uma mina, cuíram

dos e avultados danos materiais. O Primeiro-Ministro, Dr. Mário Machungo, visitou no dia 16 de Janeiro, no Hospital Central de Maputo, as vítimas do ataque, fazendo-se acompanhar pelo Ministro da Saúde.

Sabina Magagule, uma das vítimas ainda internada no Hospital Central, disse que na carruagem em que vinha morreram pelo menos 23 pessoas. Ela contou que depois da locomotiva accionar uma mina, cuíram

O Primeiro-Ministro, Dr. Mário Machungo durante a visita que efectuou, no Hospital Central, às vítimas do ataque do comboio de passageiros. (Foto: Jaime Macamo)



bora pelo caminho que vier. Só vocês, os outros ficam». E tinham sete pessoas, quatro senhoras e três homens, um ferido de bala. Andámos muito para chegar até aqui. Estou muito cansada».

A seu lado, a menina chorava. Tentando sorrir, Amina dizia: «Pronto, agora está tudo acabado. Voltamos para casa».

### VIOLAÇÃO DE FRONTEIRAS

O Alferes Issa Chumane é Comandante das Tropas Guarda-Fronteiras em Ressano Garcia e explica que os bandidos eram cer-

ca de vi... violaram a nossa fronteira. «Mas não foi uma violação simples, foi uma invasão de 15 ou 20 homens. Onde passaram, no campo, deixavam estrada. Eu vi. O nosso trabalho é controlar fronteiras. Vieram da África do Sul e tomaram a mesma direcção de onde vieram. Nós não chegámos a tempo, quando nos disseram que o comboio foi atacado, pedimos máquina, demorou muito tempo, porque estava em Komatiport, mandei alguns a pé, de Moveine para cá, quando chegaram eles já tinham saído. Mas tomámos medidas».

Adiante, um caterpillar levantava

as carruagens. Um trabalho de precisão matemática, vê-se que feito por gente de muita experiência.

«Sim, os ataques aqui são constantes» — diz Raul Timóteo, factor dos caminhos de ferro em Moveine. — «Ontem, deviam ser onze e meia, depois da partida do comboio em Chanculo, eu ouvi um estrondo. Fui informar as nossas forças que guarnecem Moveine e corremos para aqui, a socorrer as pessoas».

Olhando as montanhas, ao longe, comenta, preocupado: «esta zona tem sofrido muitos ataques, a população já cá nem reside, só ficá-

dois vagões e os bandidos armados atacaram do dois lados ao comboio as pessoas que procuravam sair pelas janelas: «— Eu tinha uma criança que foi atingida na cabeça», disse.

Francisco Ubisse, um dos mineiros que foi raptado no ataque pelos bandidos armados e que conseguiu escapar disse que «fui com os bandidos e voltei nas montanhas perto da Namaacha». Apontou que rasgaram-lhe toda a documentação pessoal, incluindo o dinheiro nacional em notas, e levaram consigo os rands que possuía.

No período acima indicado, de 31 de Janeiro a 16 de Fevereiro, os bandidos fizeram ataques em vários pontos do país tendo como principais alvos os comboios de passageiros e de mercadorias, aldeias, lojas e viaturas que fazem trabalhos de emergência.

Em Gaza, por exemplo, os bandidos armados assassinaram 17 pessoas na madrugada do dia 14 de Fevereiro e feriram outras três pessoas a 30 quilómetros a norte da cidade de Xai-Xai. Em Homoine e Manjaze, os bandidos armados assassinaram nos princípios deste mês 14 pessoas. No ataque a Homoine, na localidade de Inhamussua, os bandoleiros incendiaram um tractor de uma unidade de produção da Empresa de Algodão de Inhambane, roubaram bens da população e raptaram um número indeterminado de camponeses.

Em Manica, na região do Monte Siluvo, cinco pessoas morreram e outras dez ficaram feridas, metade das quais em estado grave, quando um comboio de passageiros foi atacado por um grupo de bandidos armados, no quilómetro 112, no percurso Nhamatanda-Gondola. Nesta incursão, os terroristas utilizaram armas do tipo RTG-7. Em Gorongosa os bandidos armados atacaram um camiã do Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais e assassinaram 12 pessoas ferindo outras 18. O camiã levava alimentos para os deslocados de guerra. Entre os mortos contam-se alguns estudantes que regressavam de férias ao distrito de Nhamatanda.

Depois de metralharem o camiã, os bandidos armados saquearam todo o óleo alimentício, milho e a bagagem dos que viajavam no camiã.

Alexandre Luís



Chegada a Maputo de feridos do ataque



«Quem sabe os 'porquês' de todo este massacre?»



Um caterpillar levanta as carruagens para as recolocar nos carris

mos nós, os funcionários do Caminho de Ferro em serviço. Mesmo na semana passada houve uma situação, quando eu estava de serviço. Fizeram uma emboscada, mas não houve danos materiais. No domingo sabotaram o rádio e o telefone, tive que recolher a Ressano Garcia e no dia seguinte repararam. Se passam todos os dias? Aqui é uma zona onde passam todos os dias e todas as noites.

#### RECONSTRUÇÃO

Duas carruagens já tinham sido colocadas sobre a via férrea. Ho-

mens cansados enxugavam o suor e a poeira do carvão. Chegava um comboio de Maputo, dele desciam mineiros carregando suas trouxas. Mulheres puxavam crianças pela mão. Um grupo trazia um caixão de madeira. Contornavam o caminho, olhando os mortos, ao passar. Seguiam em frente, onde um comboio os esperava para os levar à África do Sul.

No chão, um cartaz: «Aids. Cuidado com o sida». Cartas abertas. Documentos espalhados. Pão a apodrecer.

Passavam depressa, quase sem olhar, como se tudo aquilo fosse parte da paisagem.

O nosso povo é assim. Hoje ataca-se um comboio, uma coluna, uma aldeia. Os que podem fugir, fogem. Depois voltam. No dia seguinte a vida retoma seu ritmo. O comboio segue o seu caminho. A coluna avança. A aldeia acorda.

A escola volta a receber meninos, o enfermeiro regressa ao seu posto de saúde.

E a vida floresce de novo em cada bala, em cada corpo ceifado, em cada lar destruído.